

# ESPECIAL

## Vivências africanas na terra das lagoas

*As histórias de vida dos estudantes que apostaram em Alagoas para iniciar a trajetória profissional.*

**Naara Lima Normande**

Graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo  
Universidade Federal de Alagoas / Brasil  
E-mail: naara\_normande@hotmail.com

A proposta da grande-reportagem “Vivências africanas na terra das lagoas” surgiu como forma de registrar as condições de vida dos estudantes africanos, integrantes do Programa Estudante Convênio Graduação (PEC-G), que apostaram em Alagoas para iniciar a trajetória profissional. Através de depoimentos sobre situações vividas, os estudantes – alguns em curso e outros já formados - relembram as experiências na capital alagoana e refletem sobre temas coletivos, como a escolha pelos estudos no Brasil e em Alagoas, as adaptações às estruturas de ensino e linguagem locais, o preconceito, e também sobre a contribuição do intercâmbio acadêmico para a formação pessoal e profissional.

Anália Barros da Silva sempre sonhou em estudar fora de Cabo Verde. A estudante de Odontologia, que cresceu vendo os primos saírem de casa para estudar em outro país, tinha o objetivo de continuar seguindo os caminhos da família: “O que eu queria era terminar logo o Liceu e sair para estudar fora, ganhar novas experiências e conhecer outro país”.

Ela não foi a única. A amiga e companheira de apartamento, Crisandra Danae Fernandes da Fonseca, também escolheu, desde pequena, seu destino no exterior. Incentivada pelos pais, que estudaram na Romênia, a estudante de Medicina diz que eles queriam proporcionar as mesmas oportunidades para que ela amadurecesse no campo pessoal e profissional e, principalmente, conhecer as coisas que não existiam lá em São Vicente, ilha pertencente ao território de Cabo Verde.

Aliado à vontade de estudar fora, Janilda Maria de Oliveria Nascimento diz que outro fator que a motivou para sair do país foi a inexistência de faculdades de Direito, que só vieram aparecer um ano depois que ela já residia

em Maceió. Privilegiada, a estudante teve a oportunidade de ganhar uma bolsa de estudos do governo cabo-verdiano, que segundo ela, tem que ter uma nota muito boa para conseguir: “Eu tinha nota 14, e nas disciplinas de Português e Matemática têm que ter acima de 12 pontos. Mas eles ainda avaliam o comportamento, e meus pais também tiveram que assinar um documento dizendo que tinham possibilidades de me manter aqui”.

Apesar da grande quantidade de estudantes cabo-verdianos na Universidade Federal de Alagoas (Ufal), cerca de 24 alunos, a comunidade africana também está representada pelos alunos de Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Angola, todos esses pertencentes à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

O intercâmbio acadêmico que possibilita essa mobilidade de estudantes entre os continentes está inserido no Programa Estudante Convênio de Graduação, o PEC-G, desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC) e Ministério das Relações Exteriores (MRE) do Brasil juntamente com as Instituições de Ensino Superior – federais, estaduais e particulares - de todo o país. A proposta do programa, segundo dados da Secretaria de Educação Superior do MEC, é oferecer vagas gratuitamente a estudantes estrangeiros dos países em desenvolvimento da América Latina e África com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais. Em contrapartida, o aluno selecionado deve apresentar declaração dos pais atestando a capacidade de manter financeiramente o filho no Brasil; ter o certificado de conclusão de ensino médio e apresentar proficiência em língua portuguesa, no caso dos alunos fora da CPLP.

Com o mesmo propósito da maioria, a estudante de Enfermagem Adélia Roberto Nanque diz que decidiu estudar fora de Guiné-Bissau não porque lá não existem faculdades, e sim pelo reconhecimento social que o curso no exterior proporciona. Para ela, essa experiência significa mais qualidade no currículo e, conseqüentemente, um espaço melhor no mercado de trabalho.

Ao contrário dos outros africanos, Glória Intchami não pretendia estudar fora de Guiné-Bissau. Ela estava cursando o segundo ano de Administração na cidade de Bissau quando o pai a incentivou a estudar em outro país, sem que isso fosse interferir estilo de vida da família, ligada à Igreja Batista. “Eu sou muito apegada à minha família, às minhas irmãs, e por isso não pretendia sair para estudar, queria só passear, conhecer, aprender novas coisas. Mas depois meu pai disse que era melhor estudar fora, que quando a pessoa volta pra lá tem o privilégio de conseguir emprego mais fácil do que os outros que estudaram no meu próprio país”.

Moçambicana, formada em Pedagogia e com o curso de Psicologia trancado, Sônia André saiu de seu país com um objetivo definido e uma grande responsabilidade: ser a primeira educadora musical formada em Moçambique. Obrigatório nas escolas moçambicanas, a função de educador musical foi reintroduzida em 2004 no sistema nacional de educação, mas ainda não

existem professores formados na área. “Eu fui mandada pelo Governo para vir fazer educação musical. É uma grande responsabilidade porque serei a primeira educadora musical a ser formada no meu país. É um corre-corre que tem que rir para que a dor não pese e você não chore. Mas aí vai a vida tentando levar pra frente”.

### A escolha pelo Brasil

País tropical, belas praias, grandes cidades, prédios altos, desenvolvimento, industrialização e inexistência de favelas e pobreza. Era assim que a maioria dos estudantes africanos acreditava conhecer o Brasil, tudo através das telenovelas, um dos produtos brasileiros mais exportados. Acompanhando esse gênero lá em Guiné-Bissau, Adélia Nanque achava que no Brasil não existiam pessoas pobres “porque as imagens que passavam são paisagens lindas, e por isso a gente achava que o Brasil era assim desse jeito. Não sabia que tinha pessoas aqui sem o que comer, sem casa para morar, sem nada. Aí logo quando vi a realidade por aqui fiquei assustada. Não foi medo, mas era totalmente diferente.”

Mas não foi só a curiosidade que trouxe Adélia para cá. Segundo ela, na Guiné-Bissau, a embaixada do Brasil oferece mais facilidade para obter o visto de estudo, e o candidato à vaga já consegue o documento pronto, restando apenas realizar uma prova e apresentar os documentos completos. Mesmo assim, Adélia só conseguiu o visto de estudo depois de um ano da entrada do pedido.

Em Cabo Verde, a situação é diferente. As estudantes afirmam que existem vagas em vários outros países como Portugal, Marrocos, Rússia e Cuba. Mesmo com outras opções, Janilda Nascimento escolheu o Brasil pela similaridade do clima com seu país, e também por falar a mesma língua. Ela que sempre acompanhou as novelas e as músicas brasileiras diz ainda que não pensou no continente europeu porque não queria viver naquela turbulência.

Com a mesma expectativa, a estudante Edna do Rosário Duarte, cabo-verdiana da ilha de Santo Antão, fez a opção pelo Brasil por acreditar ter um estilo de vida parecido com seu país de origem. Para a estudante de Enfermagem, o Brasil é um país onde se curte muito a vida, e em termos de vestimentas e alimentação é bem parecido com Cabo Verde. Outro fator que Edna considerou foi o custo de vida, que no planejamento familiar tinha que ser um país barato, com condições para estudar.

“Meu sonho sempre foi fazer Medicina no Brasil”, é assim, carregado de emoção, que Crisandra fala sobre essa escolha. Restando três meses para se formar, ela explica o porquê dessa vontade de estudar no Brasil, e não em Cuba, onde ela também tinha essa oportunidade: “Eu acho que para o país de

onde eu vim, um país pobre igual ao Brasil, a experiência de estudo tinha que ser mais parecida com a realidade de Cabo Verde. O que eu queria era mais prática, mais convivência com o paciente, muito além do que só no sexto ano, como é em outros locais”.

A realidade era diferente para Glória. A indicação para vir estudar no Brasil foi do próprio tio, que havia estudado em João Pessoa. Mesmo assim, o pai gostaria que ela estivesse na casa de algum conhecido, para evitar problemas que outros conterrâneos vivenciaram. Nessas condições, o tio de Glória entrou em contato com a comunidade Batista em Maceió, religião da qual fazem parte e, assim, ela primeiro garantiu um espaço na casa da senhora da Igreja, para depois fazer a inscrição e concorrer à vaga.

Para a angolana Amélia Patrícia Manuel Bernardo, o Brasil não foi a primeira experiência de estudos fora do país de origem. Insatisfeita com o desempenho do curso de Ciências Contábeis em Luanda, Amélia decidiu estudar em Portugal acreditando obter uma melhor formação. Desaprovando o curso também em terras lusitanas, a estudante resolveu apostar seu futuro no Brasil, e diz que está muito feliz com a formação na Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

Formado em Ciências Sociais pela Ufal, e atuando como coordenador executivo e de dados da ONG Céu e Terras em Guiné-Bissau, Noel Vieira lembra que escolheu o Brasil não só pela língua, mas também pelas atrações que o país possui: “É um país grande, com diversidade cultural e que tem uma expressão notável a nível mundial. E também por ser um país que tem algum tipo de laço histórico e cultural com a África”.

### **Alagoas, opção de poucos**

Antes de vir para o Brasil, o estudante do Programa Convênio Graduação (PEC-G) tem a possibilidade de escolher duas opções de cursos em dois Estados diferentes. O destino do candidato varia de acordo com as vagas disponíveis por curso e por instituição, atividade coordenada pela Secretaria de Educação Superior (Sesu) do Ministério da Educação em parceria com as universidades.

Com uma estatística pouco atrativa, Alagoas apresenta a maior taxa de mortalidade infantil do Brasil, 51,9%, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2006). No aspecto educacional, ainda segundo o Instituto, as pessoas entre 0 e 17 anos de idade que frequentavam escolas ou creches representavam, em 2006, apenas 6% da população, além do pouco acesso às escolas de ensino fundamental, 4%; de ensino médio, 5%; e de ensino superior, 6%.

Foi a curiosidade que trouxe o estudante são-tomeense Askalline Pires

Amado para Alagoas. Segundo ele, que nunca tinha ouvido falar no Estado, a expectativa era conhecer uma realidade que não fosse a do Rio de Janeiro e São Paulo, e por isso apostar em uma boa experiência.

Para a estudante de Enfermagem Adélia Nanque, Alagoas surgiu por meio da indicação de um professor de literatura da Embaixada do Brasil em Guiné-Bissau, que falava muito bem sobre as condições de vida na região: “Ele é da Bahia e falava muito bem de Maceió, disse que era uma cidade muito tranquila, de praias lindas”.

Mas outras motivações também trouxeram estudantes para o Estado. O cientista social, formado pela Ufal, Noel Vieira, afirma que Alagoas não foi sua escolha inicial, e desejava estudar no Rio de Janeiro ou em São Paulo. Mas, ainda no Centro de Estudos Brasileiros em Bissau, sugeriram a cidade de Juiz de Fora, alegando maiores chances de conseguir a vaga, já que quase todos os estudantes de outros países procuram por estas grandes cidades. “Assim sendo, aceitei a proposta para Juiz de Fora, como primeira opção, e pedi outra sugestão para a segunda opção, em um lugar mais barato e que eu pudesse ter chances de conseguir a vaga. Foi assim que apareceu Alagoas”.

Preocupada com as despesas, Amélia Bernardo justifica a escolha pelo nordeste por ser uma região com custo de vida mais barato do que as regiões sul e sudeste. A angolana diz ainda que nem teria vindo para o Brasil se fosse para morar no Rio de Janeiro ou em São Paulo, por causa dos altos índices de violência dessas capitais. Ao contrário da maioria dos estudantes, Amélia lembra que a imagem que tinha do Brasil era um país com muita violência e assaltos, e por esse motivo preferiu a região nordeste por acreditar ser mais tranquila que as demais.

Apostando em outros Estados, a estudante de Odontologia Anália Barros escolheu as cidades de Belém e Manaus, e hoje, morando há 4 anos em Alagoas, ela agradece por ter vindo para Maceió. Com a mesma opinião, a estudante de Direito, Janilda Nascimento, que havia escolhido Tocantins e Rio de Janeiro, disse que achou tudo muito calmo e se encantou pela cidade.

Edna Duarte também não escolheu Alagoas. As opções foram o Ceará e o Distrito Federal. A aposta em Fortaleza se deu, segundo ela, pela notoriedade da capital, para onde muitos cabo-verdianos viajam nas férias e também a negócios. Além de nunca ter ouvido falar em Alagoas, Edna diz que ficou receosa com alguns comentários: “Eu conheci um menino que disse que Maceió era o quintal de Recife, aí eu fiquei sem saber pra onde eu estava indo. Uma amiga minha, que havia passado férias aqui, disse que a cidade de Maceió era boa, mas era meio rural, com um estilo de interior”.

E Alagoas também foi abrigo para quem estava fugindo do frio do sul do Brasil. Formado em Administração, o atual diretor de Gabinete do Secretário de Estado da Administração Hospitalar do Ministério da Saúde Pública da República de Guiné-Bissau, Anaximandro Zylene Casimiro Menut, foi

contemplado com vaga para a cidade de Maringá, no Paraná. Após os dois primeiros anos do curso, e tendo dificuldades com o clima da região, segundo ele muito diferente do de Guiné-Bissau, aliado a saudade da namorada – que cursava Serviço Social em Alagoas – Anaximandro pediu transferência para a Universidade Federal de Alagoas, e reconhece que em pouco tempo começou a se sentir em casa: “Essa constatação foi boa porque me permitiu identificar a diferença entre o povo nordestino, em geral, com as pessoas que vivem no sul. Depois de algum tempo comecei a me sentir em casa e até hoje sinto falta das boas amizades que fiz”.

### **O choque dos primeiros dias**

Com uma filha de seis meses nos braços, estrangeira, chegando em Maceió por volta da meia-noite, sem conhecer ninguém e com medo da violência. Foram nessas condições que a moçambicana Sônia André desembarcou na capital alagoana e passou a primeira noite nos bancos do aeroporto: “O primeiro dia é sempre um choque, que quando você lembra só dá vontade de chorar. Não tinha ninguém, só eu, minha filha e Deus”.

Assim que o dia amanheceu, Sônia pegou um táxi com destino à universidade, e no trajeto do aeroporto até a instituição a corrida do automóvel custou R\$ 25,00 que, posteriormente, ela vinha a descobrir as várias voltas desnecessárias dadas pelo taxista. Com formação em Pedagogia, e experiência de vida retratada nos 32 anos de idade, Sônia encara a situação como um grande aprendizado: “Essa situação que em parte é horrorosa, é também um aprendizado. Eu sempre digo que nada na vida vem por acaso, tudo tem um porquê”.

Mesmo chegando ao primeiro destino, a Ufal, o choque ainda não havia terminado. Sem conhecer ninguém, e sem haver nenhum moçambicano na instituição, a estudante ainda passou quatro horas esperando a assistente social para se apresentar e pedir algumas orientações básicas sobre a cidade. Foi quando apresentaram Sônia a uma estudante africana, que a hospedou por um mês até que ela alugasse um apartamento e resolvesse as pendências legais.

Um pouco ciente da realidade, a moçambicana também encontrou muitas dificuldades para conseguir alugar um apartamento, com sofrimento ainda maior por ser estrangeira e negra: “Não confiam porque é estrangeira, depois tem essa questão também de ser negra, e eu tinha que dizer que não ia sujar o apartamento”.

Apesar de possuir um local seguro para ficar, a estudante de Ciências Sociais, Glória Intchami, afirma que o impacto não deixou de existir. Ela desabafa que até hoje está em choque, e costuma culpar o tio - o responsável pela vinda dela ao país -, por ele não ter contado a realidade. A estudante



lembra que ficou muito assustada com o ambiente novo e chegou a se perguntar se estava realmente no Brasil. Hoje, morando em Alagoas há três anos, Glória comenta que “a ficha ainda não caiu totalmente, mas está caindo aos poucos”.

As dificuldades sempre existem, mas às vezes elas são acompanhadas pela sorte, como foi o caso de Adélia Nanque na procura por um apartamento. Recebida por uma conterrânea guineense, a estudante passou um mês na casa da amiga, que na época residia no bairro do Farol, em frente a uma escola de línguas. Com a movimentação em frente ao local, uma mãe que levava os filhos para estudar se aproximou de Adélia e perguntou se ela era estrangeira. Na ocasião, ela contou a trajetória e disse que estava procurando um apartamento para morar, foi quando aquela mãe se propôs a ajudá-la e logo conseguiu um novo lar para a estudante.

O primeiro contato com a vida em Maceió, Crisandra fez quando ainda estava em Cabo Verde. Recebida pelas conterrâneas, ela logo se integrou com outras estudantes e passou a residir no mesmo apartamento. Com o retorno das amigas, a estudante só conseguiu encontrar outro espaço para morar tempos depois.

Cabo-verdiana, Anália não teve muita dificuldade em arranjar um local para morar. Logo que chegou foi recebida na antiga casa de Crisandra, e em pouco tempo conseguiu um apartamento para dividir com outras alunas. Segundo ela, a mulher que trabalhava na imobiliária era muito simpática e ficou sensibilizada com a história de vida das estudantes porque o filho dela também estudava fora do país. Para Anália, o problema foi a atitude precipitada para resolver a situação: “a gente já foi alugando um apartamento caro, porque não tínhamos muita noção da moeda. Aí quando nos falavam „X” reais, a gente convertia em euros e fazia em escudos, que é nossa moeda, aí achávamos que dava. Só que na realidade daqui é totalmente diferente, pode ser até um valor pequeno lá, mas pra gente aqui custa um pouco mais”. Pouco tempo depois, Anália e Crisandra resolveram dividir um apartamento e estão convivendo juntas até hoje.

Em 2007, com a grande presença de outros estudantes, a chegada de novos conterrâneos era mais intensa e se tornava, cada vez mais, um momento de festa. Nesse clima receptivo, Janilda Nascimento e Edna Duarte desembarcam em Maceió e foram logo recebidas pela Naly e Cris, como chamam carinhosamente as amigas Anália e Crisandra. Contando também com a sorte, Janilda e Edna ficaram no apartamento dos estudantes que estavam retornando a Cabo Verde, e como a proprietária já conhecia o perfil dos estudantes estrangeiros, ela facilitou a moradia das novas inquilinas.

## Uma nova turma

Recebida pela coordenadora do curso de Enfermagem, Edna Duarte diz que logo no primeiro dia de aula tudo havia sido maravilhoso. Apresentada como aluna estrangeira, ela foi cercada pelos colegas de sala, curiosos com sua presença. Ainda com muitas dificuldades para falar o português do Brasil, Edna encarou o primeiro desafio linguístico numa dinâmica acadêmica onde ela apresentava uma amiga e vice-versa.

Glória Intchami também foi o centro das atenções da turma de Ciências Sociais. A estudante conta que todos a acolheram muito bem e relembra a chegada no corredor do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA) da Ufal: “Eu estava de trancinhas aí todos me viram. Foi quando uma amiga minha que é bem destacada me viu e disse: „Olha eu vi um nome tão estranho na lista dos alunos. É você? Você é de onde?”. Glória lembra que a amiga gritou no meio do corredor que ela era africana e todos os colegas se aproximaram e a encheram de perguntas. Ainda no primeiro dia de aula, ela já tinha conseguido formar o princípio do que se tornou o grupo de estudos da faculdade.

Com o são-tomeense Askalline Pires a recepção foi mais singela. O estudante diz que uma parte da turma o recebeu bem, mas nem todos. Em uma avaliação três anos depois, ele acredita que algo que dificultou a adaptação foi o próprio comportamento: “Quando cheguei eu era um pouco fechado, não me abria muito com o pessoal, porque quando você sai e vem para um país diferente, com cultura diferente, e não conhece bem as pessoas pode se juntar com grupos bons ou ruins, e dependendo da situação isso pode complicar depois”.

Sobre a turma de Ciências Contábeis, Amélia Bernardo faz muitos elogios. Um dos maiores desafios para a angolana era encarar uma apresentação em público, e com a ajuda da turma e dos professores a estudante conseguiu superar seus limites: “A primeira vez que eu apresentei um trabalho, eu tinha um rascunho e perdi. Aí na hora de apresentar eu comecei a chorar, mas a professora disse que ia me ajudar e eu terminei me acalmando com o apoio de todo mundo”.

Como costume no primeiro dia de aula, um professor do curso de Medicina pediu a Crisandra Danae que ela se apresentasse. Falando com o sotaque ainda de Cabo Verde, a estudante logo foi interrompida pelos colegas de sala que questionaram a forma como ela havia conseguido a vaga no curso. Cercada pela turma, Crisandra explicou como funcionava o Programa Estudante Convênio Graduação (PEC-G), e reforçou que as vagas disponíveis não estavam integradas ao vestibular, e sim eram resultados da parceria entre os governos dos dois países. Ainda assim, a turma parecia resistir: “Eles me faziam perguntas do tipo: você veio de bote ou a nado? No seu país tem TV? Tem coca-cola? É verdade que vocês moram em árvores? As pessoas andam nuas?”.



A estudante descreve, ainda com muita mágoa, o perfil daquela turma onde, segundo ela, todos eram filhos de alguém com notoriedade na sociedade, ou filho de um cirurgião famoso ou de algum político: “Então todos eram de nariz em pé, você é negra, você é da África. Quando havia provas ou qualquer outra atividade, o pessoal escondia, e se tivesse que falar mal para o professor eles falavam”.

Depois da primeira semana, a turma começava a se dividir em grupos. Crisandra se integrou com alunos de outros Estados, que segundo ela, era o pessoal menos favorecido da turma. Desestabilizada, a estudante perdeu o primeiro ano e terminou se integrando em outra turma, que para ela, foi a melhor coisa que aconteceu.

A moçambicana Sônia André enfrentou as mesmas dificuldades na turma de Música. Com a futura educadora musical a reação dos estudantes foi imediata, e logo afirmaram que ela estava “roubando” a vaga de um brasileiro. Assim como Crisandra, Sônia explicou que o PEC-G é um programa regulamentado entre os governos e que o estudante estrangeiro tem direito a realizar o curso superior onde a vaga foi ofertada.

Mas não foram apenas os alunos que reagiram. Alguns professores também não pareciam satisfeitos com a presença de Sônia no curso, chegando ao ponto de questionar se ela teria vindo ao Brasil em um barco: “Eu parei a aula, e dei uma aula de Geografia, História e de Moral. Para sua informação, África não é país, África é continente. Eu estou do outro lado, no Oceano Índico, não estou no Oceano Atlântico”. A estudante acrescentou que a África não é somente o que as pessoas pensam e o que os meios de comunicação passam. Para ela, as pessoas deveriam entender a África como a Vossa Mãe, como o berço onde o mundo surgiu.

### **A dificuldade com a língua**

Apesar de terem em comum a língua portuguesa como oficial, a adaptação linguística no Brasil não foi fácil. Na bagagem vinha a mistura do português local, com o português de Portugal, o crioulo – língua natural com base lexical portuguesa -, e ainda outros dialetos nacionais. Para Adélia Nanque, a primeira dificuldade foi tentar entender o que os professores falavam: “Eu não percebia nada que o professor dizia. Entrava na sala e saía sem entender nada, mas quando eu chegava em casa tentava sempre ler para entender alguma coisa”.

A solução encontrada pela estudante de Enfermagem foi anotar em um caderno todas as palavras que não entendia durante a aula, e depois perguntar para algum colega de sala. Adélia, que sempre estudava com um grupo de amigos, diz que só se adaptou depois de muito contato com a língua.

O estudante Askalline Pires também afirma que a maior dificuldade foi compreender a língua. Ele lembra que falava misturando o português de Portugal com o de São Tomé. Logo na primeira experiência em sala de aula, Askalline apresentou um trabalho e quase ninguém entendeu o que ele tinha falado, sendo necessário repetir e explicar todo o conteúdo.

A mesma situação aconteceu com Edna Duarte. Em uma apresentação no primeiro dia de aula, ela lembra que os colegas ficavam mais concentrados na forma que ela estava falando do que no conteúdo que ela dizia. Segundo Edna, os amigos achavam bonito o sotaque, mas reclamavam que ela falava muito rápido e que, às vezes, não entendiam nada.

Edna lembra a sensação quando ouvia as conversas na sala de aula: “Às vezes eu olhava para sala ouvindo o pessoal falar e me sentia fora do lugar, fora do meu espaço. Pra gente que aprende uma língua materna, que é o crioulo, e depois lidar o dia inteiro com português é difícil. É só na escola que a gente fala português, só quando quero falar com o professor ou com toda a turma que eu me expresse em português, é bem pouquinho mesmo”.

A estudante de Ciências Sociais, Glória Intchami, afirma que também teve grandes dificuldades com o português do Brasil, mas tentava minimizar as diferenças conversando e tirando as dúvidas com os colegas de sala. Porém, não eram todos que compreendiam: “Eu tive um problema com uma professora. A primeira prova que eu fiz, eu escrevi „facto”, como a gente escreve lá, e aí a professora não gostou e disse que eu tinha que me adaptar à realidade brasileira, a escrita brasileira e a fala brasileira. Desde lá eu mudei e comecei a escrever como qualquer brasileiro”.

Sem ter grandes problemas, Janilda Nascimento comenta que não foi muito difícil entender o português do Brasil. Para a estudante de Direito, a linguagem era mais complicada quando o professor falava, mas logo ela se acostumou com tudo: “Hoje eu já falo até „ôxi””.

A angolana Amélia Bernardo sofreu apenas com as diferenças de adaptação, sem grandes mudanças, já que a língua é a mesma. A estudante diz que no início falava um português mais rápido, mas depois foi controlando o ritmo e conseguiu se comunicar sem tantas diferenças. Amélia comenta que em Angola existem aproximadamente 20 dialetos, mas grande parte da população só fala português: “Eu só falo português porque perdemos essa tradição com as outras línguas. Quando os portugueses estiveram por lá, se a criança falasse o dialeto eles proibiam de ir pra escola, e os pais, com medo, deixaram de falar”.

Mantendo as tradições de Cabo Verde, as companheiras de apartamento Anália e Crisandra, dizem que é tão intensa a proximidade com a língua materna, o crioulo, que elas não deixam de falar quando estão com os conterrâneos: “Entre nós só falamos em crioulo, e às vezes chega a ser falta de educação quando estamos com algum brasileiro, porque a fala é automática”.

## Ensino na Ufal

Com a trajetória da graduação concluída no final de 2008, Anaximandro Menut, formado em Administração pela Ufal, acredita que o enfoque empreendedor apresentado no projeto pedagógico do curso reforça a responsabilidade do administrador no dia-a-dia da sociedade. Sobre a postura dos professores, Anaximandro diz que teve o privilégio de conviver com profissionais que demonstraram conhecimento e competência, e fizeram a diferença através de dinâmicas em sala de aula. Apesar dos elogios, ele sugere que o curso inclua mais atividades práticas em seu projeto pedagógico.

Formado há três anos, Noel Vieira avalia que o curso de Ciências Sociais é muito bom, e a deficiência que ficou decorreu da falta de dedicação própria para aproveitar ao máximo as condições oferecidas pelo curso. Ele afirma que agora se esforça mais nos estudos e acompanha as novidades com os colegas de profissão.

Com a colação de grau prevista para janeiro de 2010, Crisandra Danae considera o curso de Medicina extremamente difícil, mas muito bom. Ciente das limitações em algumas disciplinas, a estudante relembra as dificuldades por não ter tanto conhecimento básico sobre anatomia e bioquímica, por exemplo. Mesmo com o compromisso de transmitir o conteúdo, ela diz que os professores não estão só preocupados com a teoria, e sim se esforçam em trabalhar o lado mais humano da Medicina.

A estudante que vivenciou o projeto antigo e novo do curso avalia que as mudanças levaram os alunos a conviver nas comunidades: “No segundo ano, quando eu tinha muito tempo livre, me engajei num projeto de extensão como voluntária, e depois virei bolsista. Então eu tinha muito contato com as pessoas, eu dava muitas orientações sobre DST e HIV. Eu ia muito para as comunidades de Maceió, conhecia muita gente, conversava”.

Também na área de saúde, Edna Duarte comenta que teve muitas dificuldades com as disciplinas básicas do curso de Enfermagem, como histologia, bioquímica e anatomia: “Em Cabo Verde eu sabia que existia tecido, mas nunca tinha estudado os diversos tipos de tecidos que tem no corpo humano, e o pessoal daqui já sabia tudo isso. E para mim era uma coisa nova que já ia ser vista de maneira aprofundada”. Apesar dessas carências teóricas, Edna recebeu o apoio de alguns professores, que até se disponibilizaram a dar aulas extras.

Amélia Bernardo, da cidade de Luanda, considera que a formação em Ciências Contábeis na Ufal está sendo muito positiva. Há três anos estudando na instituição, ela comenta que no início foi difícil assimilar os conteúdos, pois estava acostumada com as ideias de contabilidade em Angola, e quando chegou em Alagoas os assuntos eram totalmente diferentes: “Eu tinha trazido cadernos e anotações, aí a professora olhou e disse que eu tinha que encarar como se tivesse que começar tudo novamente. Mas agora com essa proposta

de unificar os estudos de contabilidade tudo vai ficar mais fácil”.

Sobre o curso de Engenharia Química, Askalline Pires explica que é tudo bem complicado, mas que acabou gostando das disciplinas. Apresentando dificuldades com os conceitos básicos de cálculo e química, o estudante garante que a falta de uma boa base atrapalha o desempenho: “No caso de cálculo, antes de eu vir para cá, lá em São Tomé tiveram muitas falhas de professores, aí o tempo vai passando, você acaba terminando, e não tem uma base boa. Quando chega aqui fica tudo mais difícil”.

Para Askalline, a única alternativa é estudar ainda mais para superar as dificuldades. Ao contrário de Edna, o estudante comenta que nunca recebeu nenhum tratamento diferenciado por ser aluno estrangeiro, apenas o comum em sala de aula.

### **Conhecendo o preconceito**

Antes de vir para o Brasil, Crisandra Danae acreditava que estava desembarcando em um país irmão onde seria muito bem tratada, e estaria imune a qualquer tipo de preconceito. A estudante afirma que conhecia essa prática apenas pelos livros, quando ainda estudava no Liceu – o ensino fundamental e médio em Cabo Verde. Segundo ela, o Brasil não se diz racista, mas é extremamente racista.

No verão de 2006, a estudante sentiu na pele a intensidade do racismo em Alagoas. Crisandra foi com as amigas conterrâneas para uma barraca na praia do Francês, a mesma que ela frequentava com os colegas brasileiros, e aguardava a chegada de alguns amigos africanos que residiam em Porto Alegre e que haviam escolhido Alagoas para curtir as férias.

A praia estava lotada. O grupo de amigas logo pediu água de coco para se refrescar, mas o produto nunca chegou. Ainda durante a conversa, elas insistiram e pediram coca-cola e outros petiscos, também não foi servido. Inquieta com a situação, Crisandra olhou ao redor e percebeu que todas as outras mesas estavam sendo atendidas: “Aí eu perguntei para o garçom porque ele não estava nos servindo. Ele chegou todo discretamente e disse que o gerente tinha dito que, por ser um feriado, iria ter uma taxa extra, e como nós não iríamos poder pagar essa taxa ele pediu que a gente desocupasse a mesa”.

Diante daquele argumento a estudante não aguentou. Ela lembra que chorou muito, ficou nervosa, tremia e tentava não acreditar naquilo que ouvia: “Eu chorava porque a pessoa se sente o pior ser humano, se sente um nada. E eu não tinha feito nada para que pudesse pensar aquilo. Só por causa da minha cor? Se eu estou num bar e estou pedindo é porque eu posso pagar”.

Foi nessa situação que os amigos de Porto Alegre encontraram

Crisandra e toda a história mudou. Advogados e já com experiência na profissão, os amigos foram exigir satisfações da administração da barraca. Eles questionaram o garçom sobre a taxa extra, ameaçando perguntar aos outros clientes se sabiam do valor em questão. Como não houve resposta, o grupo ameaçou chamar a polícia e o gerente, que dizia não estar no estabelecimento, logo apareceu, negou o que foi dito pelo garçom, e depois demitiu o funcionário. No meio do conflito, os amigos perguntaram à estudante se ela queria processar o gerente, mas ela preferiu não tomar nenhuma atitude com medo de represálias.

Depois do episódio, Crisandra começou a estudar o racismo e a encará-lo com outra postura. A estudante se integrou ao movimento negro e participa de todas as palestras e manifestações do grupo. Hoje em dia, ela afirma que já anda com o nariz em pé e com postura firme para reforçar seu espaço.

Sônia André encara as situações de preconceito de outra forma. Para a moçambicana, o tom de brincadeira é uma tentativa de informar e formar outra pessoa para que entenda a sociedade como uma igualdade, e não com grupos superiores aos outros. “Claro que é difícil, e quando as pessoas vêm com preconceito eu levo na brincadeira. Por isso que as pessoas brincam comigo, porque eu falo na cara: „não me despreze porque sou pretinha viu?”.

A estudante lembra que logo no início, na lanchonete do Espaço Cultural da Ufal, vários outros colegas desrespeitaram a fila e o responsável pela cantina ignorou a presença dela. Direta, Sônia perguntou se ele não a atendia porque ela era negra e acrescentou que não tinha culpa por ter a cor da pele mais escura. O funcionário a atendeu e pediu desculpas.

Em outra situação, depois de um dia inteiro de aula, Sônia lembra o que passou quando não tinha nenhum dinheiro para comprar algo para comer. Ela pediu para um estudante da Residência Universitária dividir o prato de comida, mas teve o pedido negado, e foi o funcionário da cantina, que tempos antes a havia ignorado, que lhe deu uma coxinha e um copo com água para minimizar a fome.

Glória Intchami procura nem reparar quando passa por situações de preconceito. Integrante do movimento negro da Igreja, ela acredita que os negros devem se valorizar mais: “Eu costumo dizer, já fiz palestras em alguns colégios, que você nunca vai ter orgulho de uma coisa que é sempre negativa”.

A estudante de Ciências Sociais afirma que muitas vezes quando chega em uma loja, do centro ou do shopping, os funcionários ignoram sua presença: “Eu costumo dizer que olho o que eu quiser e levo pro caixa. Aí perguntam: - Você já tirou notinha? Aí eu digo que ninguém me atendeu, que eu entrei e ninguém olhou para mim”. Mas ela também diz que não são todos os momentos, e que já foi bem atendida em algumas lojas.

Askalline Pires comenta que foi no Brasil que ele passou a vivenciar o

preconceito. Sem conhecer as situações, o estudante lembra que no início achava normal, mas depois que os conterrâneos foram contando exemplos, o estudante começou a perceber o comportamento diferente das pessoas quando da presença dele: “Você entra em uma loja já fica todo mundo em alerta, parece que tem alguém perseguindo você, todo canto que você vai tem uma pessoa atrás te olhando, é complicado”.

Mas, não é somente no comércio que a população age com preconceito. Andando pela rua, Askalline percebe as pessoas fugindo dele, como se fosse algum assaltante, e lembra uma situação que enfrentou: “Tinha uma mulher que estava andando com uma bolsa toda distraída, e quando me viu ela colocou a bolsa entre os braços, fechou e atravessou a rua. Aí eu olhei para ela, e a mulher começou a correr”. Para o estudante, isso não é mais preocupação, pois, como sempre acontece ele não dá mais importância.

Com o mesmo comportamento, Adélia Nanque não liga quando as pessoas impõem atitudes preconceituosas. Para ela, o maior orgulho é ser africana e depois ser guineense. A estudante critica as formas como os brasileiros falam sobre a África: “Eles acham que a África é só um país, onde tem todas as pessoas. E toda pessoa que é da cor negra é africano e de um único país”.

No caminho rotineiro e com seu traje de estudante de Enfermagem, com blusa, calça e tênis branco, Adélia sente que as pessoas olham e julgam seus passos. Para ela, as pessoas reagem dessa forma porque é muito raro encontrar os negros brasileiros na faculdade, principalmente na área de saúde.

Em atividade de estágio no Hospital Geral do Estado, Adélia foi ignorada por uma mulher que procurava atendimento para a mãe: “A mãe dela tinha desmaiado, e eu era quem estava mais próxima e poderia ter socorrido a senhora mais rapidamente. Mesmo assim, ela falou pra mim: „Moça chama aquela enfermeira. Diga a ela que a minha mãe está passando mal”.

### **Amor afro-brasileiro**

Foi entre músicas africanas e comidas típicas que a cabo-verdiana Anália Barros conheceu o brasileiro Thiago Alencar. Tudo começou em outubro de 2006, numa festa africana, e após alguns encontros eles oficializaram o namoro em dezembro do mesmo ano. Depois de dois anos juntos, as emoções aumentaram ainda mais com a chegada, não programada, do filho Fernando.

Longe de casa, Naly, como é chamada pelos amigos, não contou sobre a gravidez. Quando a estudante de Odontologia decidiu conversar com a família, o pai faleceu. Em direção a Cabo Verde para acompanhar a missa de sétimo dia, Anália confessa que não conseguia contar a novidade diante daquela situação, mas terminou desabafando com a mãe: “No último dia eu



não aguentei e contei para minha mãe, e ela não tinha nem desconfiado. Nessa época eu já estava com quatro meses. Ela ficou meio chocada, mas disse que se era o que eu queria ela ia me apoiar”.

Até dois dias antes de o pequeno Fernando nascer, Naly continuava frequentando as aulas na Ufal. E numa quarta-feira, 17 de junho, ele veio ao mundo, no colo da família e sob o carinho da avó materna, que atravessou o oceano Atlântico para conhecê-lo. De lá para cá, Anália afirma que está tudo caminhando bem, exceto a cansaça e o pouco tempo para estudar. Mesmo com uma nova rotina devido aos cuidados com o filho, Naly pretende terminar os estudos, e para isso conta com a ajuda de Thiago nos compromissos do dia-a-dia.

Apaixonado por uma brasileira, o são-tomeense Askalline Pires conheceu a namorada – que se tornou noiva - logo nos primeiros seis meses de sua chegada em Alagoas. O estudante lembra que o primeiro encontro foi no ponto de ônibus da Ufal, onde os dois foram os últimos a pegar o ônibus.

Há uns dois anos atrás, Askalline convidou a noiva Kelly e a família dela, mãe e irmã, para passar o final do ano junto com o pessoal de Guiné-Bissau, até então os companheiros de apartamento. Na ocasião, entre conversas sobre a convivência com o grupo e os espaços de cada um no apartamento, a mãe de Kelly o convidou para morar na casa delas. Ele diz com um largo sorriso que a convivência é muito tranquila e que está muito feliz com a nova família.

### **Vivências que valem a pena**

Janilda Nascimento ainda tem dois anos no curso de Direito da Ufal. Apesar do caminho pela frente, ela já sabe o quanto essa experiência trouxe de amadurecimento pessoal e profissional. A estudante e também modelo - por descoberta de um amigo – afirma que vale a pena conhecer uma realidade diferente: “Você aprende o que é viver, porque não tem papai e mamãe para cuidar. Aprende a dar mais valor às coisas, deixa um pouco de lado o aspecto material, e uma simples coisinha significa muita coisa agora”.

Glória Intchami ainda sente muita falta dos pequenos hábitos de Guiné-Bissau. Ela lembra a horta plantada no quintal de casa e a mãe colhendo alface, cebola e cenoura, e avalia que a temporada em Alagoas está sendo importante para ela valorizar mais a família e a vida que levava por lá.

A conterrânea Adélia Nanque agradece ao Brasil pela oportunidade de cursar o ensino superior. Mesmo assim, a estudante não aconselha a vinda de outros africanos: “É difícil. Em todo lugar tem preconceito, mas eu acho que aqui é demais”.

Com retorno para Cabo Verde previsto para o início de 2010, Crisandra Danae também agradece ao Brasil pela possibilidade de ter feito o curso que

sempre sonhou. A estudante de Medicina, apesar de lamentar pelos problemas enfrentados em Alagoas, garante que faria tudo de novo, e aconselha aos interessados no Programa Convênio Graduação (PEC-G) pesquisar bem detalhadamente as condições do local antes de se aventurar.

Para a jovem mãe de 22 anos, Anália Barros, a vida em Alagoas virou um Big Bang. Ela, que iniciou o intercâmbio aos 18 anos, morou sozinha, administrou as despesas e viajou para onde quis, não se arrepende de nada do que aconteceu na trajetória por Maceió. Anália ainda comenta que quando volta nas férias para Cabo Verde, tem a sensação de que está um ano na frente das amigas.

Para Edna Duarte, as vivências em Alagoas foram também importantes para alimentar um sonho no coração da estudante de Enfermagem: implantar o Programa Saúde Família (PSF), do Governo Federal do Brasil, em Cabo Verde. Edna afirma que o desejo profissional é levar os conhecimentos sobre saúde da mulher e saúde pública, para melhorar a assistência básica do país.

O curso superior em Música não foi o primeiro para Sônia. Com a conclusão prevista para o final de 2010, a estudante e já pedagoga considera que toda experiência é válida se as pessoas procurarem o que será útil: “Essa troca de vivências vale a pena, então é sempre um aprendizado. Talvez para uma tomada de atitude diferente, talvez pra um condicionamento diferente daquilo que você está pensando. Valeu a pena e ainda valerá”.

Anaximandro Menut, morando em Guiné-Bissau depois de um ano do término do curso, lembra que vive ainda em um país muito jovem, e que por isso não encontrou um modelo de gestão próprio. Para ele, o estudo de Administração no Brasil permitiu conhecer o modelo de gestão nacional e ter uma referência. Sobre a experiência em Maceió, ele avalia que é uma vivência única e confessa um desejo: “Maceió é uma cidade linda e encantadora, e o meu desejo é ainda voltar pra lá”.

Após três anos do retorno para Guiné-Bissau, e atuando no mercado de trabalho local, Noel Vieira avalia que a experiência no Brasil trouxe uma nova visão de mundo: “Maceió me ensinou muita coisa. Foi lá que aprendi a ser responsável por mim, aprendi a lidar com as pessoas, com as diferenças. Fui pra Maceió um jovem e voltei um „jovem-adulto“. Hoje eu digo que Alagoas é meu segundo lugar, depois de Guiné-Bissau”.

Para o embaixador de Cabo Verde no Brasil, Daniel Antônio Pereira, a capacitação profissional desses estudantes é uma contribuição fundamental para o desenvolvimento dos países. Segundo o embaixador, as parcerias com governos do Brasil e de todo o mundo possibilitam a formação diversificada dos profissionais, além de uma riqueza acadêmica e cultural.

**Autorizada a citação e/ou reprodução deste texto, desde que não seja para fins comerciais e que seja mencionada a referência que segue. Favor alterar a data para o dia em que acessou-o:**

Normande, Naara Lima. Vivências africanas na terra das lagoas. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, maio 2010. Disponível em: <[http://www.africaeafricanidades.com/documentos/Vivencias\\_africanas.pdf](http://www.africaeafricanidades.com/documentos/Vivencias_africanas.pdf)>. Acesso em: 3 mai. 2010.